

A Bíblia e a Arte do Século XX

Que Influência as Escrituras Ainda Têm?

Wilma McClarty

Mudando Mundivisões

Seriam Jesus Cristo e a Bíblia o epítome da metáfora artística? Baseiam-se ainda os artistas de hoje em imagens e idéias bíblicas na busca de seus potenciais artísticos? Continua a história do evangelho a influenciar narrações escritas ainda hoje? Seria ela uma importante fonte, uma inspiração ou uma base de referência?

Durante a idade média, a resposta a todas essas perguntas teria sido "sim". A Igreja controlava quase tudo, inclusive a arte. Conseqüentemente, desenterrar exemplos de peças artísticas influenciadas pela religião durante esse período é uma tarefa muito fácil. Eles abundam.³

Quando Dante escreveu a *Divina Comédia*, ele podia praticamente basear-se numa mundivisão do pecado que era aceita pela maioria das pessoas. Quando ele mandou os adúlteros para o inferno, seus leitores o aprovaram. Mas em nosso mundo secular do século XX será que o artista pode basear-se nem que seja em uma *worldview* que seja aceita por todos? Não, nenhum artista pode. Atualmente, só 20 a 25% da população mundial é cristã. O adultério é o assunto do horário nobre na televisão. Atividades adúlteras são pintadas como divertidas, atraentes

Será que Asher Lev estava certo? Um artista, mesmo um artista judeu, precisa de Jesus como um modelo de expressão? Será que um pintor precisa da crucifixão como símbolo de um sofrimento sem medida?

Chaim Potok em seu livro titulado *Asher Lev* (1972), retratou a agonia de Asher Lev, o jovem que confrontou sua educação judáica ultra-conservadora a fim de tornar-se um artista de renome internacional.

Sua mãe ficou horrorizada! "Pintar é para os goyim [não judeus], Asher. Judeus não desenham nem pintam."

Mas quando ele começou a desenhar Jesus, a agonia dela se intensificou. "Você sabe quanto sangue judeu foi derramado por causa dele, Asher? Como podes gastar seu tempo tão precioso nisso?"

"Eu tenho que fazer isso, Mamãe."

"Há outros quadros que você pode copiar, Asher."

"Mas eu preciso dessa expressão, Mamãe. Não pude achá-la em nenhum outro lugar."¹

Será que o mundo artístico, este mundo artístico secularizado, ainda tem tais sentimentos em pleno século XX? Será que Jesus é esteticamente necessário?

Asher Lev alienou-se completamente de seus pais quando pintou a "Crucifixão do Brooklyn", baseando-se no poder artístico da morte de Jesus como uma metáfora da dilacerante angústia sofrida por seus pais por causa de sua arte.

Ele defendeu-se dizendo: "Eu criei este quadro — um judeu conservador trabalhando numa crucifixão porque não havia nenhum outro modelo estético em sua própria tradição religiosa no qual pudesse receber inspiração para pintar um quadro de profunda angústia e sofrimento."²

opções ao enfado que o casamento representa. Nos filmes, somente 7% das cenas insinuando sexo acontecem entre pessoas casadas. E a mensagem da mídia é bem clara e audível: amor conjugal é enfadonho, sem graça — enfim, sem atração alguma.

Dante teria tido dificuldade em encontrar uma mundivisão generalizada que aceitasse a idéia de relegar amantes do século XX a um quarto de motel! Em vista disso, qual seria hoje a influência estética da Bíblia?

Decidi investigar. Participei de um seminário interdenominacional destinado a professores de faculdades que tinha como título "A Estética e o Cristianismo num Mundo Pós-Moderno". Como projeto pessoal para este seminário, decidi fazer uma compilação das obras de arte do século XX produzidas por escritores, compositores, pintores, escultores ou qualquer outro tipo de artista que, em sua essência, foram inspirados na Bíblia. Pedi também a colaboração dos departamentos de arte, de música, de literatura e de teatro da Coalizão de Colégios Cristãos.

Num artigo muito útil, C. S. Lewis discute cinco maneiras de detectar se um livro influenciou outro (ou uma outra obra de arte): (1) como uma fonte, provendo conteúdo sobre o que escrever; (2) com citações usadas; (3) com citações de frases ou sentenças encaixadas no texto; (4) com influência no vocabulário; e (5) com influência no estilo, "o que incita o homem a escrever de uma certa maneira"⁴

Quando enviei questionários aos responsáveis de 4 departamentos de cada uma das 78 faculdades da Coalizão, não fiz nenhuma distinção entre as cinco maneiras (citadas acima por C. S. Lewis) que eles poderiam escolher para preparar a lista de obras das quais eles tinham conhecimento. Disse-lhes também que as obras de arte não tinham que

EXEMPLOS DE OBRAS DE ARTE DO SÉCULO XX INSPIRADAS NA BÍBLIA

Referência Bíblica	Título da Obra	Forma da Arte	Autor, Artista ou Compositor
Os Salmos	<i>Serviço Sagrado</i>	Oratório	Ernesto Bloch (1880-1959)
Jeremias	<i>Sinfonia de Jeremias</i>	Sinfonia	Leonard Bernstein (1918-1991)
A História de Sansão	<i>Sansão e Dalila</i>	Ópera	Camille Saint-Saens (1835-1921)
Nascimento e Morte de Jesus	<i>A Jornada dos Magos</i>	Poema	T. S. Eliot (1888-1965)
O Conflito Entre Moisés e o Faraó	<i>O Primogênito</i>	Peça	Christofer Fry (1907-)
A Criação e a Revelação	<i>Os Portais do Inferno</i>	Escultura	Auguste Rodin (1840-1970)
A História da Crucifixão	<i>Os Passos da Cruz</i>	Pintura	Barnet Newman (1905-1970)
Cristo Entrando na Cidade	<i>Cristo Entra em Bruxelas</i>	Pintura	James Ensor
O Livro de Jó	<i>J. B.</i>	Peça	Archibald Macleish (1892-1982)
A Crucifixão de Cristo	<i>As Sete Últimas Palavras de Cristo</i>	Orquestra e Cantata	Theodore Dubois (1837-1924)
Pedro Negando a Cristo	<i>No Alojamento dos Servos</i>	Poema	Thomas Hardy (1840-1928)
Textos Bíblicos Seletos	<i>Luz no Deserto</i>	Oratório	David Brubeck (1920-)
Noé	<i>O Pessegueiro Florido</i>	Peça	Clifford Odets (1906-1963)
A História de Moisés e Arão	<i>Moisés e Arão</i>	Ópera	Arnold Schonberg (1874-1951)
A História de Jonas	<i>Jonas</i>	Peça	Madeline l'Engle

ser obrigatoriamente obras cristãs, mas apenas trabalhos de arte do século XX nos quais a Bíblia tinha exercido influência ou sido a maior fonte de inspiração.

Para dar-lhes uma idéia do que esperava daqueles que responderiam o questionário, incluí os exemplos dados na página acima e duas páginas em branco nas quais eles poderiam adicionar sua contribuição.

Um Herói de Hemingway

De que maneira esses artistas do século XX usaram a Bíblia? Vejamos a literatura, por exemplo. Ernest Hemingway, certamente um autor não-cristão (embora tenha crescido num lar cristão), utilizou numerosas imagens de Cristo e da crucifixão em sua famosa novela *O Velho Homem e o Mar*. O enredo da história é simples. Um velho pescador cubano passou 84 dias sem pescar um único peixe. Os outros pescadores zombavam dele, dizendo que ele "já era". Entretanto, Manolin, um

rapazinho que aprendeu a pescar com Santiago, acredita nele, embora o pai de Manolin o tenha proibido de continuar pescando com o azarado Santiago.

Santiago sai então sozinho a pescar no golfo e pega um gigantesco peixe de quase 6 metros, o maior que ele tinha pescado em toda a sua vida. Ele batalha com o peixe durante três dias, e finalmente o amarra ao barco. Mas no regresso à praia, os tubarões o comem e quando Santiago chega em casa, só o esqueleto sobrara.

Santiago é considerado o melhor exemplo do "Código de Herói" de Hemingway, o tipo de pessoa que persiste com coragem e honra num mundo destituído de sentido e freqüentemente violento. Um mundo onde no fim alguém sempre perde, pouco importa com que galhardia lutou. A vida é uma batalha fútil, e a única maneira de sobreviver é viver segundo alguns princípios. O verdadeiro herói "pode ser destruído, mas nunca derrotado". O peixe de Santiago foi devorado, mas isso não

era o mais importante. O que contou foi o comportamento honroso de Santiago, de acordo com o código.

Que dizer de suas alusões a Cristo e à crucifixão? Existem muitas. Manolin é a imagem figurada de um discípulo. Santiago o ensinou a pescar e Manolin o retribuiu com relacionamento caloroso. Quando Santiago lutou sozinho com o peixe, ele ansiava pela companhia de Manolin, como Cristo pela companhia de seus discípulos no Jardim do Getsêmane. A imagem da Santa Ceia está implicada na frase: "Eu preciso levar-lhe água," pensava o menino, "assim como sabão e uma boa toalha."

Assim como Jesus esteve sozinho na tumba por três dias e duas noites, assim também Santiago lutou só com o peixe. Como Jesus caiu ao carregar a cruz, Santiago também caiu ao carregar o mastro. As mãos sangrentas e o chapéu de palha de Santiago são símbolos das mãos feridas de Jesus e de sua coroa de espinhos. O arpão no lado do tubarão

lembra o leitor da espada que feriu o lado de Jesus. A imagem da crucifixão é invocada quando Santiago “deixou-se estar... contra o madeiro e suportou seus sofrimentos como vinham...” e “... num brado que apenas um homem pode involuntariamente emitir ao sentir um prego atravessar suas mãos e ir cravar-se no madeiro”. Existem também muitas referências à púrpura e ao vinagre.⁶

E então? O que significam essas imagens óbvias sobre Cristo e a crucifixão? Por que Hemingway, um escritor não-cristão, usou-as em sua história de maneira tão proeminente e com tanta abundância?

Talvez ele sentisse que, como Asher Lev, não se pode simplesmente ignorar o poder estético da história de Cristo. O que poderia sobrepujá-lo como modelo de expressão e como metáfora de tormento?

Hemingway provavelmente fez todas essas alusões a Cristo por duas razões importantes. Primeiramente, o tema que evoca a capacidade de alguém de se deixar destruir sem ser derrotado, é compatível com o cristianismo. Todo mártir cristão morre com esse pensamento — se não em palavras pelo menos na mente. Aquele que é mais forte, maior, mais alto, ou mais rápido do que outros pode destruir o mais fraco, o menor, o mais baixo, o mais lento. Mas milhões têm morrido por razões políticas ou religiosas acreditando puramente que sua morte não era uma derrota, porque foram leais ao código, à suas crenças, ao sistema de honra.

Não seria Jesus o melhor exemplo universal, com o qual os leitores de Hemingway poderiam se identificar? Crendo ou não na divindade de Cristo, tais leitores ainda poderiam identificar a fonte e estabelecer paralelos entre Cristo e Santiago. Os dois foram destruídos, mas não derrotados. Os dois viveram resolutamente segundo o código. E a multidão estava errada a respeito de ambos. Os que se juntaram à volta do esqueleto do peixe nunca compreenderam — como não o compreenderam também os que se juntaram ao pé da cruz.

Em resumo, usando a bem conhecida história da crucifixão de Cristo, Hemingway revestiu seu próprio conto — um velho pescador que viveu segundo o código — com poder estético, proporcionando impacto a seu tema.

Mas Hemingway usou essas potentes imagens bíblicas por uma segunda razão. Os críticos literários estavam classificando Hemingway como um fracassado, um escritor sem futuro que estava somente imitando seus sucessos prévios. Ele, como Santiago, tinha muito mais a provar a seus contemporâneos. Os dois precisavam de uma pescaria magnificamente, melhor do que tudo que tinha sido pescado antes. Num determinado lugar na história, Hemingway escreveu sobre as linhas de pescar de Santiago (que simbolizavam linhas literárias) dizendo que Santiago “preservava-as mais esticadas do que qualquer outro o fizera”. Santiago refletia: “Eu as seguro com precisão. Só que não tenho mais sorte... É melhor ter sorte. Mas eu prefiro a exatidão”.

Hemingway quis provar tão ardentemente que os críticos estavam errados, que releu o manuscrito 200 vezes antes de o entregar à impressão em 1952! Em 1954, quando recebeu o prêmio Nobel de Literatura, e ao ser-lhe apresentado o prêmio, o título de O Velho e o Mar ter sido especificamente mencionado, Hemingway deve ter se sentido completamente vindicado das acusações dos críticos. Ele provou que não estava “morto”.

Cristo também foi declarado destruído, certificado como morto numa cruz de madeira. Mas Ele não estava destruído e “da sepultura ele saiu. Com um poderoso triunfo sobre seus adversários”, numa vitória triunfal, quando os críticos o tinham declarado “morto”.

Talvez Hemingway concordasse com Asher Lev — não existe nada, absolutamente nada que possa inspirar um artista a pintar emoção, a usar imagens de angústia, luta, derrota e triunfo como a história da crucifixão de Cristo. Potok, um judeu, e Hemingway, um não-cristão, compreenderam o potencial estético da Bíblia e usaram-no poderosa e astuciosamente.

Uma Presença que Perdura

Voltemos agora aos questionários que enviei aos responsáveis de departamentos. O que me revelaram

as respostas? Os que responderam, enviaram-me 250 exemplos provenientes das quatro áreas. Os resultados foram ambos encorajadores e desanimadores — desanimadores porque muitos não responderam, mas encorajadores porque os que o fizeram apresentaram numerosos exemplos.⁸

Estava Asher Lev correto? Pode o mundo da arte ignorar o Cristo crucificado? Os resultados de meus questionários indicam que a Bíblia ainda continua a ter um impacto na arte, mas talvez não tão intenso como no passado. Se ela não é a força dominante atrás da arte do século XX, ela continua a ser uma força que ainda influencia o mundo da arte. Sim, a história do evangelho tem sido recontada, repintada, recantada e redramatizada.

A tragédia da maioria dos artistas do século XX é que eles podem achar poder artístico na Bíblia como fonte de inspiração, citação ou influência estética. Mas que dizer do Jesus das Escrituras? O que têm estes artistas feito dele? Citar a Bíblia em suas criações artísticas é inadequado. Tirar proveito do Cristo estético não é suficiente tampouco. Nunca foi. Artistas procuram a verdade. Pilatos a “procurou”. Pilatos — o mais trágico caráter na narrativa da crucifixão — não viveu o código do herói!

“Disse-lhe Pilatos: Que é a verdade?”⁹ Mas Pilatos não estava interessado na resposta a esta pergunta. Pilatos — o homem que segundo seu próprio testemunho não achou nenhuma falta em Cristo — nunca o aceitou como seu Salvador pessoal. Mesmo achando Jesus sem culpa alguma “tomando água, lavou as mãos diante da multidão dizendo, ‘Estou inocente do sangue deste justo: considerai isso’”.¹⁰

Pilatos procurou purificar-se simbolicamente do sangue inocente de Cristo, mas, dramática ironia, ele permaneceu manchado!

Não, o conhecimento de Cristo nunca salvou — nem a Pilatos, nem a artistas que o usaram como referência, nem a você, nem a mim. E a menos que os artistas do século XX possam usar seus talentos para dramatizar, orquestrar, pintar ou escrever acerca da crucifixão de Cristo de maneira tal que atraia seus ouvintes, espectadores, ou leitores a uma relação pessoal com Jesus, sua real vocação artística nunca será alcançada.

Continua na página 22

A Bíblia e a Arte do Século Vinte

Continuação da página 10

NOTAS

1. Chaim Potok, *My Name Is Asher Lev* (New York: Ballantine Books, a division of Random House, 1972), págs. 164, 165.

2. *Ibidem*, pág. 313.

3. Dois livros clássicos neste assunto podem ser citados: *The Old Testament and the Fine Arts: An Anthology of Pictures, Poetry, Music and Stories Covering the Old Testament* (New York: Harper and Row, 1954) e *Christ and the Fine Arts: An Anthology of Pictures, Poetry, Music and Stories Centering on the Life of Christ* (New York: Harper and Row, 1959).

4. C. S. Lewis, "The Literary Impact of the Authorized Version", *Selected Literary Essays*, Walter Hooper, ed. (Cambridge University Press, 1969), págs. 126-145.

5. Ernest Hemingway, *The Old Man and the Sea*, 1952. Reproduzida em *The Scribner Quarto of Modern Literature*, A. Walton Litz, ed. (New York: Charles Scribner's Sons, 1978).

6. *Ibidem*, págs. 265-292.

7. *Ibidem*, págs. 270, 271.

8. Os leitores interessados na lista destes exemplos podem obter uma cópia gratuita ao escrever para *Dialogue: The Bible and Contemporary Art*, 12501 Old Columbia Pike, Silver Spring, MD 20904, EUA.

9. João 18:38.

10. Mateus 27:24.

Wilma McClarty (Doutora em Educação pela Universidade de Montana) ensina literatura, composição e oratória no Southern College of Seventh-day Adventists, Collegedale, Tennessee, EUA.